

A Velhice Segundo a *G Magazine*¹

Fábio Ronaldo da SILVA²
Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB

RESUMO

No jornalismo, podemos encontrar diferentes gêneros textuais, como por exemplo, notícia, crônica, artigos e entrevistas, sendo os últimos, dois tipos de textos opinativos no qual o articulista ou entrevistado emitem opinião sobre determinado tema ou fato. Escolhemos artigos sobre velhice escritos por João Silvério Trevisan que foram publicadas na *G Magazine*, revista homoerótica que teve maior tempo de circulação no Brasil. Lançada no ano de 1997 pela Fractal Edições LTDA, foi a primeira publicação brasileira a desnudar e exibir o nu frontal de personalidades famosas do meio artístico e esportivo. Até a última edição, lançada em junho de 2013, a *G* tratou de diversos assuntos, como espiritualidade, beleza, política, arte, comportamento. Para esse artigo, entretanto, escolhemos alguns textos opinativos sobre a velhice, tema que pede urgência de reflexões.

PALAVRAS-CHAVE: Revista; *G Magazine*; corpo; velhice; artigo.

INTRODUÇÃO

Em abril de 1997, as bancas de revistas de várias cidades do Brasil recebiam os 55 mil exemplares de uma publicação com nome cômico, *Bananaloca*, revista de circulação mensal, de conteúdo erótico, direcionada para o público gay, publicada pela Fractal Edições Ltda., que tinha como dirigentes, a jornalista Ana Maria Fadigas³ e o apresentador Otávio Mesquita. A publicação era a versão impressa de um site que deu nome à magazine e tinha como conselho editorial, além dos diretores da Fractal, os jornalistas e idealizadores do site, Sérgio Lhamas e Paulo Negrão.

Antes do lançamento da revista, foi feita uma pesquisa com consumidores gays no intuito de saber o que eles gostariam de ver em uma publicação dirigida para eles.

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, espaço e cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Doutor, professor do curso de Jornalismo da UEPB e do curso de Publicidade e Propaganda da Cesrei, e-mail: fabiocg@gmail.com

³ Começou a trabalhar na editora Abril no ano de 1977 como editora da revista *Recreio*. Foi também editora das revistas *Contigo!* e *Boa Forma*. Em 1995 saiu da Abril e em associação com o jornalista, apresentador e empresário Otávio Mesquita compram a revista *Sexy*, criando a editora Fractal para publicá-la. Em 1997 a editora passa a publicar a *G Magazine*. Dez anos depois, cria uma agência de viagem chamada GTravel que tinha como público o segmento LGBT. No ano seguinte vende a Fractal, sendo a edição de fevereiro de 2008 a última em que esteve como editora da revista.

Assuntos como cultura, turismo, entretenimento e ensaios com nu masculino foram os que mais se destacaram na pesquisa. Percebendo essa lacuna e o desejo dos que participaram da pesquisa, a *Bananaloca* chegou às bancas trazendo em suas páginas homens desnudos em diferentes ângulos, inclusive o frontal e isso aconteceu em todas as edições e a proposta continuou quando a revista passou a se chamar *G Magazine*.

A revista esteve em circulação nas bancas do Brasil até a quarta edição, publicada em agosto de 1997. Devido desentendimentos internos dos que faziam o conselho editorial, os responsáveis pelo site e os donos da Fractal acabaram com a divisão da equipe e o nome da revista. Em sua última edição, os leitores da *Bananaloca* receberam um encarte com a capa do número zero da *G Magazine* que informava a mudança do nome.

A Fractal Edições Ltda. comunica que não publicará mais o título *Bananaloca* por motivos de força maior. A partir do próximo mês procure nas bancas a 1ª edição da sua revista *G Magazine*. O que muda é só o nome. Mas o nosso projeto é o mesmo.

Assim, a quinta edição publicada em setembro do mesmo ano, sai com o título *Bananaloca* apresenta *G Magazine*. Com a primeira edição da *G*, é reiniciada a contagem das edições, sendo a primeira edição da revista datada de outubro de 1997. Apesar da mudança de nome, a publicação não sofreu alterações em relação a direção e ao projeto editorial.

O lançamento oficial do primeiro número do magazine ocorreu em São Paulo em uma boate chamada *Mad Queen*, na noite de 23 de outubro. Menos de um ano depois, a revista já se firmava no mercado editorial como a revista voltada para o público gay e que desnudava artistas, esportistas, cantores, modelos e apresentava-os em nu frontal e com o falo ereto. De acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC), a *G Magazine*, que começou a ser vendida por R\$ 4,90, chegou a alcançar tiragem de 180 mil exemplares por mês, fato até então inédito para as publicações do gênero no Brasil.

Desde a sua primeira capa, tanto a *Bananaloca* quanto a *G* já começavam a construir, no imaginário dos seus leitores, uma dada representação da masculinidade e da virilidade, o que faz supor que apenas os homens viris e másculos são desejados pelos homossexuais. As diversas capas da revista acabam por estigmatizar a imagem do homossexual afeminado. Sobre a proposta de mostrar o falo ereto era uma ideia que vinha

desde a primeira edição, mas que não obteve êxito como podemos observar nas informações existentes no site da revista e que aqui transcrevemos:

Não tínhamos plena certeza de que deveríamos publicar fotos de homens com o pênis ereto. Já apareciam, mas timidamente. Uma espécie de tabu interno a ser resolvido... Entretanto, diante dos inúmeros pedidos de leitores (que a partir de então pautariam todo o caminho da G), finalmente nos rendemos à ode ao falo “erectus”. A ordem era que as fotos do modelo de capa da edição nº 1 da G Magazine já contemplassem a anatomia do pênis em todos os estágios... Mas, na última hora, Vitor Xavier acabou dando pra trás e não se deixou fotografar assim... Os primeiros a aparecerem com pênis eretos mesmo foram os modelos Johnny e Luciano Muller, que saíram na seção *Desejo* da primeira edição da G⁴.

É importante lembrar que a imprensa é um espaço bastante evidente de produção, circulação e recepção de discursos sejam estes visuais ou verbais. Mais ainda, a imprensa especializada é um modo de circulação por meio do qual certo grupo se constitui e se reconhece como uma comunidade discursiva. Não só no Brasil, mas em vários outros países, temos revistas voltadas para negros, homossexuais, mulheres, etc. Ao veicular diversas práticas discursivas, a imprensa proclama e dita normas de ser, de dizer e, portanto, de se apresentar no mundo e de pertencer a uma comunidade que partilha de interesses comuns. No discurso apresentado pela revista G, ser jovem e manter o corpo malhado e não enrugado é uma forma de se manter desejado. Logo, aqueles que estão se aproximando da velhice ou os que já estão velhos, precisam consumir uma infinidade de cosméticos para fazer sumir, ou deixar pouco perceptível as marcas que o tempo deixa no corpo. Faz-se necessário ainda o abandono da vida sedentária, pois é preciso apresentar um corpo esculpido e potente para não se tornar uma mercadoria obsoleta no mercado do desejo. O corpo é a moeda nesse mercado e o que faz o sujeito nele permanecer.

No total, a revista que tinha como slogan “a revista do homem com G maiúsculo”, circulou nas bancas de 1997 até junho de 2013, somando ao todo 176 edições. Nos primeiros anos foi sendo considerada por muitos como a “Playboy gay” por usar a mesma proposta da revista voltada para o público heterossexual, isto é, convidar pessoas famosas para se desnudar. Mensalmente, a *G Magazine* vendia entre 65 a 90 mil exemplares, mas quando uma personalidade muito famosa aparecia nua, a venda subia para 120 mil, como

⁴ Informações retiradas do sítio: <http://gonline.uol.com.br/site/arquivos/estatico/memorias.htm>

ocorreu na primeira vez que o ator Alexandre Frota⁵ se desnudou para o magazine, na edição 49 publicada em outubro de 2001. Percebe-se então que o que move a vontade dos leitores em consumir a revista está no grau de fama da personalidade que será apresentada nua. Como lembra Trevisan (1999), a revista se tornou um sucesso de vendas quando começa a apresentar em suas páginas fotos de artistas, cantores, roqueiros e jogadores de futebol “não apenas nus, mas expondo suas medidas íntimas muito rígidas” (p. 375).

Ao longo dos seus 15 anos de publicação, encontramos 110 textos em que velhos aparecem ou que a questão da velhice é mencionada. Esse material pode ser dividido da seguinte forma: dois ensaios eróticos de nu masculino; 19 entrevistas com gays velhos; oito cartas de leitores opinando ou pedindo ensaios eróticos com homens com mais de 50 anos; 14 cartas publicadas na seção “Procurados”, que trazia mensagens e pequenas fotos de leitores que estavam em busca de amigades ou de um homem para chamar de seu; dois contos eróticos em que gays velhos são mencionados; três artigos em que a vida de homossexuais que chegaram à “terceira idade” é trazida para reflexão além de 63 matérias que abordam temas como saúde, beleza, religião e espiritualidade, política, arte e comportamento.

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN: A VELHICE EM PRIMEIRA PESSOA

No século XX, mesmo a imagem da velhice reclusa construída em décadas passadas, ainda fazendo parte do imaginário social no Brasil, explicitamente concorre com a nova imagem gestada no país da velhice ativa advinda com o discurso da “terceira idade”. Nos consultórios médicos, mas, sobretudo, através dos *media* as fórmulas do bem-viver, quando se chega aos 60 anos, foram se popularizando e sendo ratificadas pelos geriatras, gerontólogos, terapeutas, além dos próprios idosos “bem-sucedidos” que davam depoimentos falando sobre as possibilidades que a nova fase da vida trazia para eles. Essas duas imagens aparecerão em diferentes momentos na *G*.

O jornalista, romancista e ensaísta João Silvério Trevisan é ativista da causa LGBT e autor de obras como *Devassos no Paraíso* e *Ana em Veneza*. Foi um dos responsáveis pela criação do grupo Somos Pelo Direito dos Homossexuais, em 1978 e um dos fundadores do *Lampião da Esquina*. Desde o fim do *Lampião*, escreveu para

⁵ No total, o ator fez posou quatro vezes na *G Magazine*.

algumas das principais publicações voltadas para o público gay, a exemplo das revistas *Sui Generis* e *Júnior*.

Na *G Magazine* era responsável pela coluna *Olho no Olho*, onde opinava sobre temas referentes a questões políticas, as diversas formas de preconceito e sobre a velhice. Será sobre esse último assunto que ele chamará os leitores para uma reflexão com o artigo “Velhice: o espelho que assusta”. O autor discute o desejo pelos corpos lisos e musculosos, padrão vendidos “pela Globo e por Hollywood” (G MAGAZINE, 2001, p. 21) e também sobre o quanto “dói” se perceber como velho e a crueldade dos homossexuais jovens para com os gays idosos. É importante perceber o espelho não apenas como o objeto em si, mas também a identificação pela qual o sujeito se constitui em relação aos outros.

Na época, com 56 anos de idade, Trevisan relembra que por muito tempo se comportava com a falsa naturalidade de quem não sente o tempo passar, só passou a perceber que estava envelhecendo quando, no meio homossexual, foi percebendo os olhares que se desviavam dele, o desprezo e escárnio de muitos gays para com ele. Mas a “gota” que faltava foi quando, aos 40 e poucos anos, no ápice de uma relação sexual com um rapaz mais jovem, ouviu a frase “êta, véio gostoso”.

A “simples” frase dita, possivelmente, sussurrada no pé do ouvido do escritor, serviu para ele ter noção de algo não percebido até então: estava velho. Possuía um corpo esgarçado pelo tempo e a verdade, um produto da linguagem, uma invenção da história que se torna realidade em um período. A partir daquele momento de prazer, Trevisan passou a carregar consigo uma verdade que até então não percebia: a de que a velhice havia chegado e que se fazia presente em seu corpo. Ao ter certeza da verdade dita entre lençóis, foi em busca de saberes médicos para ajudá-lo a aceitar aquilo que, até então não era visível aos seus olhos ou ele não queria enxergar. “Rolou muita água debaixo da ponte. Terapias, rejeições, novas constatações” (G MAGAZINE, 2001, p. 21), afirma o escritor que só passou a acolher melhor aquela nova situação quando percebeu que, entre os gays, há aqueles que se interessam e desejam pessoas mais velhas. Contudo, para ele foi como ter que se assumir novamente, a primeira vez que se percebeu como homossexual e agora como se via como um homossexual velho.

Aqui lembramos o que aponta Beauvoir (1990, p. 15) sobre a questão da velhice, quando nos lembra que, “como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão

existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a sua própria história”.

O artigo ainda fala sobre o preconceito que os gays sofrem por ser velho e também o preconceito que geralmente vivenciam aqueles que namoram com pessoas mais velhas, sendo considerado por alguns como algo típico de pessoa com conflito psíquico e que não sabe vivenciar a vida de maneira prazerosa. Ao longo do texto, são narradas algumas experiências de preconceito que Trevisan e o namorado passaram. Destacaremos aqui aquela que ocorreu no Allegro, tradicional restaurante de São Paulo, quando no ambiente, o jovem namorado do escritor comentou que estava sendo paquerado insistentemente por um rapaz que estava em outra mesa perto do casal. Mesmo mudando de lugar, a tentativa de paquera continuava. “Expliquei-lhe o subtexto: para um cara desses, é fácil roubar meu namorado, que no seu entender, só está com uma bicha velha por causa das vantagens monetárias recebidas” (G MAGAZINE, 2001, p. 21). Para o jovem paquerador, ali a relação que existia era de interesse, não amoroso ou sexual, mas financeiro, o que reforça a ideia de que, para muitos, a única forma de um gay velho, especificamente, se relacionar com alguém é pagando.

Antes de sair do restaurante, o casal se beijou e as pessoas que estavam na mesa com o rapaz paquerador tiveram uma crise de riso. A demonstração de afeto tornou-se para eles algo risível, cômico, pois aparentemente, era algo impossível de acontecer. Quando se vê no cotidiano, no cinema ou telenovelas pessoas jovens, demonstrando carinho ou aparecendo em fotos sensuais ou eróticas não causa nenhuma estranheza. Mas quando os sujeitos dessas ações são pessoas da “terceira idade”, na maioria das vezes, há o preconceito dos mais jovens e isso tende a reprimir as expressões amorosas ou de sexualidade na velhice. Quem nunca ouviu ou falou expressões como “que velhinho saliente” ou “ali não existe amor, eles estão juntos apenas por interesse financeiro (do mais jovem)”? Como se a capacidade de ter uma vida afetiva ou sexual fosse algo aberrante, um horror, algo para não se tornar público e não ser aceito. Aparentemente, muitos gays não conseguiram assimilar ainda a existência de uma grande quantidade de homens idosos desejando sociabilidade junto àqueles com os quais se identificam e não serem segregados por causa da idade ou aparência (MOTA, 2014).

Mas naquela noite, aqueles rapazes que estavam na outra mesa puderam perceber que o desejo não é uniformizado. Não são apenas os detentores de jovialidade, corpo magro e liso e com músculos rígidos que são amados e desejados, os que não se encaixam

nesse padrão também são cobiçados. Ao final do artigo, Trevisan faz um alerta para os leitores da *G Magazine*. “Quem não consegue mirar-se na velhice dos outros, prepare-se: vai sofrer muito para enfrentar sua própria velhice” (G MAGAZINE, 2001, p. 21).

Para o autor, a velhice é um espelho que assusta pois é como se o sujeito perdesse o seu lugar, o presente torna-se superdimensionado pelo desprazer e pela perda, como se, para quem envelhece, tivesse sido trapaceado pelo tempo e a vida não tivesse sido vivida, estando a morte à espreita, esperando o momento certo para fazer aquela pessoa dar o último suspiro. Enquanto isso não acontece, torna-se necessário exercer o direito à existência, estar nos lugares públicos, vivenciar o amor e enfrentar a hostilidade dos que são jovens e esquecem que, um dia, também se tornarão velhos caso não ocorra nenhuma fatalidade.

Dois meses após a publicação do artigo de João Silvério Trevisan, encontraremos na edição 45 a carta de um leitor na seção *Recado*, que funciona como editorial da revista, expondo as impressões sobre o texto do escritor. Intitulada “Ode à maturidade”, a missiva publicada não informa o nome do remetente, ficamos sabendo apenas que ele tem 34 anos e afirma ter a sorte de vivenciar um amor tranquilo, com sabor de fruta mordida, vivendo com um homem com 50 anos de idade. O responsável pela carta afirma que a diferença do tempo cronológico, até aquele momento, não era nenhum problema para ele.

A relação não se constituiu por interesses financeiros, mas pela vontade de estar com uma pessoa que tivesse uma vivência, um corpo com história que resultaria “prazer na cama... prazer no papo sério... prazer no papo sacana e na conversa jogada fora... prazer no corpo experiente, prazer na ruga, prazer na flacidez da pele, prazer de ter o homem...” (G MAGAZINE, 2001, p. 4). Em uma relação entre pessoas com idades nitidamente diferentes, a narração da relação afetiva é descrita em outro ritmo, outros códigos de prazer são inventados e elas vão além do sexo convencional entre dois homens. Estarão presentes na amizade e também no companheirismo.

Podemos perceber então que, a vontade e o desejo de vivenciar relacionamentos amorosos com gays mais velhos, para o leitor e autor da carta, residia em estar com alguém com acúmulo de experiências, competência e estabilidade emocional para lidar com relações menos efêmeras e mais significativas, indo além da experimentação de sensações relativas às atividades sexuais. Além de amante, era também um companheiro. Para o casal, sonhar, desejar e viver um amor não há limite de idade.

Poder pensar em fazer projeto com um companheiro.... Um caralho entre as pernas existe, e continuará a existir tantos e para todos os gostos. Precisamos de um homem (...) para encostar a cabeça no ombro e dormir. É difícil!!! Sou privilegiado.... Encontrei o meu...me encontrei. E espero que seja apenas meu.... Sem sentimento de posse. Mas de comunhão sem abrir mão!!! (G MAGAZINE, 2001, p. 4).

Sabe-se que o que cada um devolve ao próximo e, neste caso, ao companheiro, é um reflexo daquilo que nutre em si mesmo. Permitir-se ao amor que suporta a falta, liga-se à forma como cada um pode aguentar e gerir em si mesmo a ausência e a solidão inerentes à existência. Todo amor à completude pode encontrar pelo caminho as frustrações e o fracasso.

Mesmo afirmando ter encontrado o homem que o completava e se sentir privilegiado por tal fato, ele tem consciência sobre o preconceito dos outros. Mas, para o expedidor da missiva, “o preconceito surge da inveja... de quem não conhece o sabor de um beijo maduro... A saliva com história molhada e terna” (G MAGAZINE, 2001, p. 4). Mesmo vivenciando uma relação marginalizada entre os *gays*, em específico, os casais intergeracionais reinventam possibilidades diante da ordem social que os afligem. Não é negado assim que quem namora uma pessoa velha, e o próprio velho, sofre preconceito, existe a rejeição muitas vezes das famílias, dos amigos e de grande parte da sociedade de quem foge da norma subjetiva de que as relações amorosas e sexuais ocorrem entre pessoas jovens. Aos que não pertencem mais a esse grupo os prazeres permitidos são outros e a única companheira amorosa é a solidão. Esquecem eles que o que alimenta a vida de um ser humano é a afeição, a ternura, o sonho, a presença de alguém que o escute, com quem partilhe a vida. Como já mencionado, a capacidade de amar não possui um limite cronológico, esse limite encontra-se no psicológico, no preconceito, seja este em qual instância for e na intolerância social. Em síntese, os entraves não estão no real do corpo ou na capacidade de sonhar, de simbolizar, de viver a vida.

No final da carta, que se tornou editorial da edição, o leitor diz que a velhice (espelho) assusta, mas, assim como ele, João Silvério deve quebrar esse espelho, pois não traz azar. Mesmo na contemporaneidade na qual as subjetividades apontam o belo e a juventude eterna como referências para se seguir e mesmo sendo pego de assalto pela velhice, o mais importante e necessário é que o velho não se veja como uma pessoa para ser cuidada. Pelo contrário, é importante se perceber como um sujeito que, mesmo com algumas limitações advindas com o tempo, não se torna um inválido, um ser abjeto, mas

alguém que pode vivenciar as possibilidades da vida, independente de uma possível proximidade da morte. A imagem envelhecida, na medida em que apresentam diferentes modificações, perdas e desvalorizações sociais, pode se tornar uma imagem abominada pelo sujeito, cabendo ao velho o uso de estratégias e burlas para retardar o envelhecimento ou fazê-lo menos perceptível aos olhos dos outros.

Mesmo ao longo de sua história, publicando matérias sobre relacionamento entre gays mais jovens que se relacionam afetivamente com mais velhos, a solidão também será discutida por João Silvério Trevisan como veremos no exemplar 67, publicado em abril de 2003.

No Brasil, em específico, a solidão é um sentimento que ganhou maior ênfase nas discussões acadêmicas na segunda metade do século XX. Considerada por muitos como o “mal do século” e também uma forma de desespero por estar no mundo, o mais paradoxal é que a história do tempo presente é marcada por um *boom* populacional, científico e tecnológico, sendo produzidos uma gama de objetos para a satisfação e o conforto do indivíduo. Mas, é justamente nesse período que se fala mais sobre solidão e depressão. Como pensar em solidão no mundo moderno com grande índice populacional e centenas de possibilidades e facilidades tecnológicas para se exprimir? Por mais que existam facilidades para nos comunicarmos, estamos cada vez mais nos tornando náufragos solitários, pessimistas e sem esperanças.

No artigo “Homossexual algum é uma ilha” o escritor menciona a ajuda a um amigo com mais de 80 anos de idade que havia quebrado o fêmur e encontrava-se imobilizado dentro de casa. Além da dificuldade de locomoção, ele também estava com problemas de visão e dificuldades financeiras. Todas essas intempéries contribuíram para que a depressão fizesse morada em seu lar, tornando-se, a contragosto, a sua companheira. O colega de Trevisan estava só, mas não desamparado. “Tenho tentado juntar uma pequena equipe que possa visitá-lo, ler-lhe livros e levar para passear. Está difícil.” (G MAGAZINE, 2003, p. 16).

Ao mesmo tempo em que fala sobre a solidão que o amigo estava passando, o escritor faz um grande desabafo acerca da não inserção de grande parte da comunidade LGBT em questões de políticas públicas para o próprio grupo. “[...] os grupos de direitos homossexuais estão esvaziados, com uns quatro gatos-pingados lutando em nome de todos, enquanto boates e bares estão abarrotados de homossexuais fazendo de conta que são felizes”, (G MAGAZINE, 2000, p. 17). O modo de vida hedonista escolhido por

muitos gays seria uma forma egoísta de pensar “nos pares” ou a escolha por um estilo de vida e de existência? Ser soberano de si e não “útil” aos outros seria uma outra forma de soberania? Fica aqui o questionamento.

De acordo com o autor, havia mais vitimismo do que empenho em questões políticas e para diminuição do preconceito. A solidariedade que marcou os homossexuais no país, nas décadas de 1980 e 1990, épocas em que o maior número de infectados com HIV/Aids eram gays e a união de muitos deles para conscientizar os pares no tocante à prevenção, perdeu a força com a virada do século. E essa ausência de empenho e solidariedade contribui para a solidão entre muitos gays, como lastima Trevisan.

É lamentável que, com tantas possibilidades abertas, ainda existam tantos homossexuais depauperados de tudo, como se a História não tivesse caminhado. Socialmente, somos vãos comunicantes. Ninguém ama ou desama sozinho. Se tantos fazem tão pouco por seu amor, não é de admirar que sejamos uma multidão de solitários (G MAGAZINE, 2003, p. 17).

Ao final do artigo, o autor mostra que cada um é senhor do próprio destino, viver o tempo todo cultivando o sofrimento, repetindo estereótipos para ser aceito na família ou pela própria sociedade não mudará nada, são reclamações estéreis. A luta por mudanças e a solidariedade são instrumentos importantes para a coesão do grupo. “Quem sabe assim, quando vocês forem idosos/as, haverá homossexuais amorosamente disponíveis para lhes amparar” (G MAGAZINE, 2003, p. 17).

Sabemos que em muitas cidades do país, há pouca demanda de espaços e opções de entretenimento em que público que o *gay* idoso possa ter aceitação social ocasionando melhora na autoestima, o que faz aumentar o número de viagens, atividades culturais sendo muitas vezes as possibilidades para se fazer novos amigos. Essas amizades, sejam curtas ou duradouras, em várias situações acabam se constituindo, de acordo com Eribon (2008), como “famílias de substituição”. Através dos laços de afeições, esses sujeitos se percebem reconhecidos em sua própria categoria e encontram espaço afetivo para a sua realização pessoal como homossexual, o que muitas vezes não acontece com a família sanguínea e os laços com essa, muitas vezes, vão se desfazendo ou até se rompendo ao longo do tempo, quase sempre por causa do preconceito.

Esses laços de amizades que se formam entre os homossexuais fazem parte do que Foucault (2004) nomeou de “estética da existência”, uma forma de viver esteticamente

elaborada, um estilo de vivência particular em que se inventa uma nova forma de vivenciar as afinidades, sejam estas relacionais, afetivas e sexuais. O autor coloca entre o estilo de vida dos gays a questão da amizade, preconceituosamente banida pela sociedade ao longo da história no Ocidente por estar associada de forma negativa à homossexualidade, prática que ia de encontro à ordem de produção social. Essa estética da existência diz respeito ao desenvolvimento de outras relações consigo mesmo e com os outros. O autor afirma ainda sobre os gays não apenas se defenderem, mas também se afirmarem no tocante à questão da identidade, enquanto força criativa. A (re)valorização da amizade masculina, o companheirismo e a solidariedade entre pessoas de classes econômicas, idade e etnias diferentes seria uma forma de construir novas relações sociais.

Por isso que Trevisan chama atenção para a questão da solidariedade entre os próprios gays, pois através dela, poderia surgir amizades que no futuro, quando a velhice chegasse, esse tecido afetivo ajudaria a enfrentar o isolamento⁶ e, talvez, a solidão, algo difícil de carregar, como atenta Rilke (1994, p. 48).

Há uma solidão só: é grande e difícil de carregar. Quase todos, em certas horas, gostariam de trocá-la por uma comunhão qualquer, por mais banal e barata que fosse; por uma aparência de acordo insignificante com quem quer que seja; com a pessoa mais indigna.[...].

Apesar de trazer consigo, de certa forma, a angústia, a solidão é uma das condições fundamentais de toda vida humana (ARENDDT, 1989). Assim como a impotência e o temor, que são princípios antipolíticos e levam o homem a uma ação contrária à ação política, a solidão também representa uma situação antissocial e possui um princípio que pode destruir toda forma de vida humana em comum. É também um momento no qual reencontramos um mundo e memórias que se acreditavam esquecidas. Esse é um momento no qual o sujeito usa as “técnicas de si” para perceber como se relaciona consigo mesmo. Por isso, solidão, esse exílio que nos faz sentir estrangeiros em nós mesmo, não pode ser vista apenas como uma experiência negativa. É um período de criação, de recordar várias vezes os acontecimentos que são inesquecíveis e isso contribuirá para que

⁶ Mesmo muitas vezes usados como sinônimos, solidão e isolamento não são a mesma coisa. O isolamento se refere ao terreno político da vida, enquanto que a solidão diz respeito a vida humana como um todo. Mais sobre o assunto ver: ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

o sujeito possa se redesenhar (FOUCAULT, 1992), reencontrando, assim, o amor próprio e a autoestima que muitas vezes são solapados pela sociedade heteronormativa.

O tempo de solidão corrobora para lembrar os relatos de amores fragmentados, do que poderia ter sido dito, mas, por medo de perder aquele amor que se dizia para sempre, foi silenciado. O tempo de solidão recorda calúnias e difamações ditas e ouvidas em brigas, mas que, no final, as pazes eram feitas entre os lençóis da cama em momentos de prazer.

Será nesse momento que o sujeito solitário poderá revisitar o passado lembrando do que foi deixado para trás, dos amores clandestinos experimentados em quartos de motéis, as pressas em um banheiro público ou dentro de um carro, enquanto não havia ninguém por perto. Relembrar dos corpos desejados secretamente e daqueles que pensou que tocaria e nunca foi possível. Não fisicamente, mas que em pensamento foi lambido, mordido, penetrado de várias formas e diversas vezes, tornando presente uma ausência.

Serão memórias que se tem à mão e é neste momento em que se sente sozinho, ilhado, que o sujeito poderá perceber o próprio corpo como um lugar de prazer imediato. Ao se compreender e se ver como uma pessoa potente poderá ser o passo inicial para deixar de ser um naufrago, abandonar a ilha e reatar os laços de amizade e solidariedade que foram guardados no armário quando a solidão e depressão passaram a ser as principais companheiras. Aprender a estar só e bem consigo não é uma tarefa fácil, essas sensações ou sentimentos não são algo que se tomam ou se deixam quando se quer. Poderão ser engavetados por algum tempo e continuarão ali, como um relógio silencioso e, mais cedo ou mais tarde, soará o alarme, fazendo-se presentes novamente.

O último artigo que analisaremos de Trevisan foi publicado no começo do ano de 2008 e encontra-se na edição 128, tendo como título “Construir uma velhice guei”. No texto, o escritor fala sobre a necessidade de inventar uma maneira de envelhecer com qualidade, aproveitando as peculiaridades da experiência homossexual e, a partir disso, construir uma terceira idade sem vergonha de assumir a experiência de vida.

Com uma fotografia que mostra homens velhos nus, com barriga saliente à mostra, totalmente fora dos padrões de beleza vendidos pela mídia e subjetivados todos os dias por todos nós, o escritor fala que além de saber viver exilado da família, que muitas vezes não aceita a orientação sexual do filho ou filha, outra missão cabe aos homossexuais: descobrir como ser e sobreviver homossexualmente na terceira idade. Nessa redescoberta ou reinvenção de si quando velho, torna-se necessário desconstruir alguns estereótipos

quanto à velhice. Para o autor, o primeiro preconceito que deve ser desconstruído é o de que, se é velho, é “brocha”, ou seja, não é mais detentor de virilidade.

Pensem no estereótipo idiota de que todo homossexual deve desmunhecar. Algo semelhante acontece no caso dos coroa⁷. Um amigo guei me contou que nunca tivera interesse especial por homens da terceira idade. Até que um dia transou com um, numa sauna. Na saída, ele deu carona ao coroa, que parecia ter uns 60 anos, mas com um vigor sexual de alguém muito mais jovem. Para sua surpresa, o homem contou que tinha 75 anos (G MAGAZINE, 2008, p. 14).

Não é interessante apenas perceber que gays idosos continuam com vontade de manter práticas sexuais, mas também observar que a sauna, além de ser um lugar para se relaxar, é também um espaço de sociabilidade para muitos gays, tenham estes vida dupla ou não, mas local em que diferentes tipos de aproximações físicas e sexuais acontecem. Não fosse esse ambiente, provavelmente o amigo de Trevisan nunca teria se aproximado de um *tiozinho* para manter relações sexuais.

O vigor sexual também foi algo que causou espanto, visto que, há a ideia de que quando se é velho, o desejo se aposenta ou desaparece. Ledo engano, pois a realidade mostra-se muito mais imprevisível do que se parece. A vida do idoso aposentado ou não, estabelece outros modos potenciais de agir, ser e vivenciar as experiências. Não se pode negar aqui que, ao chegar aos 40 anos, por exemplo, a potência sexual sofre uma diminuição, mas não acaba. Fora que, na contemporaneidade, existe a indústria do prazer, que faz o falo ser mais potente, não sendo também a potência sexual o único motor do quadro libidinal, há outras formas de sentir e dar prazer.

Outra questão que o autor sugere ser desconstruída, é o projeto da “eterna juventude”. A proposta deve ser outra, afirma. Deve-se inaugurar um modo de ser gay na velhice, não esquecendo as experiências adquiridas quando jovem, os amores vivenciados ou frustrados, as alegrias e decepções, as aventuras e desventuras e, a partir dessas experiências não se infantilizar, mas agir de forma consciente, madura.

É importante frisar que não são apenas as modificações no corpo os sinais, os indícios de envelhecimento, pois este não é um acontecimento puramente físico. O que

⁷ Sabemos que a perspectiva sobre a velhice, além de mutável, é complexa. Normalmente, quando alguém é chamado ou se denomina “coroa” está se referindo, ou se vendo, como um sujeito maduro e de boa aparência, isto é, sente-se atraente e sensual. Simões (2004) enfatiza que denominar-se coroa é uma forma de se distanciar do ser velho ou do que a velhice representa.

será revelado no e pelo corpo é toda uma linguagem em que está imbricada o vigor simbólico dos princípios de força e ação. Nele estarão incorporadas a forma de falar, andar, raciocinar, sentir aos quais exibirão posições de gênero bem como as suas incoerências dentro de uma sociedade machista e heteronormativa. Ser um homossexual velho não implica voltar ao armário. Pelo contrário, é perceber-se como uma pessoa totalmente capaz e, ciente das limitações inscritas no corpo pelo tempo, questionar-se: “quais são os elementos de sedução exercidos por um coroa homossexual como eu?”, sugere Trevisan (G MAGAZINE, 2008, p. 15).

Para muitos gays velhos, em específico, esse pode ser o maior desafio, perceber-se ainda capaz de se sentir desejado, visto que, e possivelmente, mais do que nunca, ser bonito e belo é sinônimo de jovialidade, virilidade, força, poder. Ser ou sentir-se velho é ter a cara da feiura, logo, é uma pessoa que não se deseja. Uma “carta fora do baralho”.

O escritor volta a destacar que, além de namorar entre si, existem *tiozinhos* que namoram pessoas mais jovens e cita que, em alguns casos, esses amores intergeracionais são secretos pelo fato de um deles ser casado, sendo a pessoa mais velha, na maioria das vezes. Um deles tinha 14 anos quando seu amante de 51 anos morreu do coração (G MAGAZINE, 2008, p.15). Trevisan informa que, não apenas a relação entre esse casal era secreta, mas também a dor do mais jovem pois, como a família do morto não sabia da vida extraconjugal que ele tinha com outro homem, o jovem viúvo não pode sequer comparecer ao enterro para dar adeus ao homem que amava. Provavelmente, se a liberdade, como diz Foucault (2005) “da escolha sexual” dos homossexuais, algo que se difere do ato sexual, fosse tida como algo tão natural quanto a dos heterossexuais, ou como o hábito de dormir ou fazer as necessidades fisiológicas, o jovem homossexual poderia chorar o morto e receber as condolências da família, pois a relação amorosa que o casal vivenciou não seria tida como um escândalo ou uma vergonha para a família. A busca pela liberdade da escolha sexual seria, de acordo com o filósofo, uma das maiores contribuições políticas que os homossexuais poderiam dar para a sociedade e sobre o respeito a essa liberdade de escolha ele afirma que “precisamos ser absolutamente intransigentes. Essa liberdade inclui a liberdade de expressão de escolha, quer dizer, torná-la pública ou não torná-la pública” (p. 16).

Trevisan encerra o artigo reforçando que chegar à velhice não significa encerrar os ciclos de amor e erotismo, pois desejo não fecha para balanço, modificam-se apenas as qualidades e os parâmetros.

Apesar do que Debert (2012) chamará de reinvenção da velhice, que acontece no Brasil, no início do novo século, passando a ser gestada a imagem de idosos ativos, que devem viver de forma prazerosa e satisfatória, é perceptível nos artigos analisados aqui, o posicionamento de Trevisan reafirmando essa nova imagem advinda dos discursos dos geriatras e gerontólogos, que também descontroem o discurso da velhice como sinônimos de perda, ausência de utilidade e como o lugar da solidão. Ao pensar esses artigos, é possível perceber que, aqueles que estão envelhecendo, que são coroas, devem cuidar do corpo e buscar ter uma vida saudável. Para aqueles que já passaram dessa fase, não há muito que se fazer, além de aproveitar o tempo que resta da forma que é possível.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.
- FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade. **Verve – Revista autogestionária do Nu-Sol**. Nº 5, 2004.
- _____. Entrevista a James O’Higgins (1982). In: **Um diálogo sobre os prazeres do sexo. Nietzsche, Freud e Marx**. Theatrum Philosophicum. São Paulo: Landy Editora, 2005.
- _____. A Escrita de Si. In: **O que é um autor**. Lisboa: Vega, 1992.
- MOTA, Murilo Peixoto da. **Ao sair do armário, entrei na velhice...: homossexualidade masculina e o curso de vida**. Rio de Janeiro, Mobile, 2014.
- RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. São Paulo: Globo, 1994.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 1999.